

DIVERSIDADE E INCLUSÃO: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Carmelita Maria Gomes, Ana Paula dos Santos, Ana Paula Sande Araujo, Geovania Graça da
Silva

*Universidade Federal de Alagoas; carmen_bermanely@hotmail.com; apaula.ufal2014@gmail.com;
ana.1997.paula@hotmail.com; geovania15@live.com*

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência, fruto de uma oficina desenvolvida no evento Nísia Floresta e Suas Vertentes Educacionais, realizada na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão. A oficina teve como objetivo proporcionar aos graduandos de licenciatura, sobretudo os de pedagogia, uma reflexão acerca da educação inclusiva, assim como, a compreensão do que é a diversidade, como ela está presente na escola e na prática docente. Como procedimento metodológico dividimos essa oficina em três pontos, buscando discutir em um primeiro momento acerca dos conceitos de exclusão, integração e inclusão, desmistificando os paradigmas; em um segundo momento foi feita uma análise dos princípios discriminatórios presentes nos conteúdos, no livro didático, nas histórias, nas narrativas e práticas de educação infantil; e em um terceiro momento foi proporcionado experiências com materiais e a criação de artefatos que auxiliassem os participantes da oficina em uma futura prática docente com crianças de educação infantil. O desenvolvimento dessa oficina se justifica pela necessidade de ampliar o debate e o olhar dos futuros professores para artefatos discriminatórios presentes na escola, nos materiais, nas relações pessoais entre as crianças e que não podem passar despercebido ou deixar de ser questionado pelo professor. Toda a discussão apresentada está centrada nos princípios da igualdade e da equidade, trazendo uma reflexão acerca do que seria pertinente as práticas pedagógicas das instituições de educação infantil, sendo esta um espaço de diversidade, seja de cor, raça, religião, credo, sexo ou classe social. Como resultados podemos contatar que a experiência com os graduandos de licenciatura proporcionou o levantamento de um rico debate, de questionamentos, dúvidas, integração entre os graduandos, o rompimento de alguns estereótipos, assim como a aproximação com atividades lúdicas que poderão ser implementadas por estes em sua prática docente.

Palavras-chaves: Diversidade, inclusão, formação docente, educação infantil.

1. Introdução

Há uma dificuldade de interpretação entre o sentido de inclusão e diversidade na educação. A escola tem um problema a resolver: pensar no “que fazer” e “como fazer” para incluir toda a demanda de crianças com suas diferenças, necessidades e expectativas no âmbito escolar sem que acabe promovendo um ensino excludente.

As diferenças sejam elas de raça, cor, sexo, gênero precisam ser discutidas na escola, essas diferenças não devem ser apenas integradas no âmbito educacional, mas posta em discussão, em contraponto, em observação, com a intenção de promover uma escola inclusiva,

que volta também a sua metodologia, currículo e ensino em prol dessa educação.

É preciso aflorar uma discussão acerca dessa temática, refletindo o objetivo da educação, uma educação que deve ser equânime, sem discriminações, preconceitos e desigualdades que sempre implicam e causam impactos no desenvolvimento da criança.

Diante de tudo o que foi apresentado pode-se fazer os seguintes questionamentos: o que gera a exclusão? Por que a resistência da discriminação e preconceito? Qual a diferença entre inclusão e integração? O que é a desigualdade? Como tratar as diferenças? E a relação diversidade e inclusão em sala de aula ou nas instituições de Educação Infantil?

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, desenvolvido por alunas do 6º período de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Sertão, referente a uma oficina promovida pelas mesmas no evento local: **NÍSIA FLORESTA E SUAS VERTENTES EDUCACIONAIS**, na qual ofertamos uma oficina para os discentes dos cursos de licenciaturas da instituição, intitulada: **DIVERSIDADE E INCLUSÃO: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Tendo como objetivo promover uma reflexão sobre a necessidade de educação inclusiva para todos, trabalhando conceitos como exclusão, integração e inclusão das diferenças no meio social e educacional, buscando compreender como a diversidade aparece na escola e na prática alfabetizadora.

2. Esclarecendo os conceitos

Falar em inclusão hoje é abordar uma temática, ou uma diversidade de fatores não relevantes em tempos passados. Como aponta Veiga-Neto (2005), trata-se de abordar uma diversidade existente na sociedade, de reconhecer a diferença como “natural” e não apenas “normal”, porém, para que isso se proceda há um longo processo de conscientização que deve começar desde a educação das crianças a uma reeducação dos adultos, o que não é algo fácil, principalmente para estes últimos que estão diante da suas experiências e vivências, condicionados a reproduzir uma carga de conhecimentos repletos de abordagens do senso comum.

Nesta perspectiva, pensemos que se na formação inicial de professores não existe um contato direto com essas abordagens, com os significados e perspectivas da diversidade, dos paradigmas e contrapontos nela existentes, as possibilidades de fazer uma escola mais igualitária, equânime e com uma visão diferenciada para o cuidado e estereótipos que podem ser implantados na troca de conhecimentos e conteúdos, a

sociedade e objetivamente a escola podem continuar a transmitir o preconceitos e o racismo. Para vencer os estereótipos enraizados na sociedade é preciso que todos tenham a consciência de quem sou “eu” e de quem é o “outro”, que todos somos diferentes e que isso não diminui a humanidade de ninguém.

Conforme apresenta a LDB 9394/1996, art. 3º inciso I o ensino deve ser ministrado como um dos seguintes princípios “ igualdade de condições para o acesso e permanência a escola”, o que de certa maneira é um equívoco e uma contradição em si mesma, pois como garantir acesso e permanência de modo igual se todos são diferentes, o que requer tratamentos diferentes de acordo com a necessidade de cada um.

Nisto, cabe dizer que a diversidade dentro das instituições escolares no Brasil é inegável, pois vivemos num país diversificado e para que se cumpra uma educação que garanta acesso e permanência é necessário que a educação inclua a todos e não apenas integre, o que resulta na exclusão de grande parte, senão da maioria:

Requisitos, restrições e exceções são inerentes à lógica de integração e levam a exclusão. Educação inclusiva não diz respeito à maioria. E ao contrário de integração, não implica generalização ou assimilação. Ao contrário, pressupõe o reconhecimento da diversidade e o reconhecimento da diversidade e o direito de cada um ser como é. (ANTUM, 2013 *apud*, RICHARDS; ASMSTRONG, 2011, p. 8)

Inclusão diz respeito a um todo, não a partes, mas a atenção e conscientização desse todo é um dos grandes problemas da educação brasileira, consistindo em implicações decorrentes ao não conhecimento do que vem a ser uma educação inclusiva, seus significados, importância e contrapontos presente nas leis e na sociedade. Assim como a forma equivocada a qual é aplicada:

O processo de integração ocorre dentro de uma estrutura educacional que oferece ao aluno a oportunidade de transitar o sistema escolar – da classe regular ao ensino especial – em todos os seus tipos de atendimento: escolas especiais, classes especiais em escolas comuns, ensino itinerantes, salas de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros. Trata-se de uma concepção de inserção parcial, porque o sistema prevê serviços educacionais segregados. (MATOAN, 2013, p.15)

Ao contrário disso, a educação inclusiva não atende de forma segregada, parcial; e não possibilita apenas uma inserção de forma reducionista, porém, equivale a uma educação que busque contemplar as necessidades de cada indivíduo, independentemente de diferença, “[...]”

a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. ” (MANTOAN, 2013, p. 16), porém, é sabido que nem sempre os professores entendem o que é de fato a inclusão e adere a uma prática docente excludente sem ao menos perceber, promovendo assim uma educação sem qualidade, e ampliando consequentemente os fatores e princípios excludentes.

Como aborda Antum (2013) não existe receita nem fórmulas que indiquem como transformar as escolas, porém existem formações, embasamentos teóricos que podem nortear a prática docente, como também a prática pedagógica de uma instituição, pois não é fácil superar ações de integração e inclusão sem a consciência do que é a inclusão. E isso só pode ser vencido com uma boa formação, e a reeducação de alguns conceitos enraizados em nós como pessoas parte de uma sociedade, pois “[...] somos parte dessas sociedades e culturas sustentadas por valores discriminatórios e excludentes e, consequentemente, somos influenciados por eles, mesmo que não o percebamos. ” (ANTUM, 2013, p. 43). Não é fácil, e na verdade não deveria ser, pois professores lidam com pessoas, não com objetos. Nisso cabe algumas perguntas, entre elas: como transformar a realidade de nossas escolas se a formação docente inicial nem sempre é de qualidade? Como promover inclusão se a formação continuada nem sempre existe? Como então transformar a sociedade, se a escola, a qual acolhe uma boa parcela da sociedade ainda não está transformada? O que fazer diante de tantos equívocos?

Um dos passos a seguir é garantir uma boa formação inicial (mesmo que não signifique qualidade de ensino, é um passo imprescindível). Foi isso que pretendemos transmitir ao desenvolver uma oficina para graduandos do curso de pedagogia, proporcionar a proximidade desses com a temática abordada, e ampliar-lhes, como futuros pedagogos e profissionais da educação, o olhar acerca dos equívocos existentes em sala de aula e de como essa abordagem pode ser trabalhada com crianças em uma perspectiva lúdica dentro da educação infantil.

3. Metodologia

A metodologia da oficina foi pensada sob forma qualitativa, que viesse contemplar debates, questionamentos, análise e também uma produção de materiais sobre o tema em questão. Em sua totalidade o tema é bastante extenso e percorre

por muitos caminhos de discussões, mas pensando numa forma de melhor abordar a temática e evitar a perda de sentido o momento foi dividido em três partes:

- Discussão e abordagem sobre a temática: o que é ser diferente? Quem faz parte dessas diferenças? Conceito de exclusão, integração e inclusão das diversidades no âmbito social e educacional.
- Abordagem de discursos “discriminatórios e excludentes” que aparecem em artefatos rotineiros da prática educacional infantil. Análise a partir de trechos de livros didáticos, canções e brincadeiras utilizadas na Educação Infantil;
- Para finalizar e despertar uma maior reflexão acerca da temática trabalhada simultânea à prática docente, foi proposto um trabalho grupal para a produção de atividades que funcionassem como fixação e desenvolvimento das ideias.

A abordagem sobre a temática se deu de maneira bastante proveitosa. Os participantes da oficina contribuíram com suas experiências nos momentos de discussão, aprimorando ainda mais e ampliando o então debate. Em busca de melhor concentração do conteúdo abordado e procurando relacioná-lo com a prática docente, os participantes se dividiram em quatro grupos para que fossem desenvolvidas atividades sobre a temática que poderiam ser trabalhadas dentro da sala de aula, como uma reflexão acerca da diversidade.

Como fruto da apresentação, do conhecimento compartilhado e das experiências divididas, foram apresentadas em grupos uma paródia, uma representação teatral, um poema e uma coreografia. Foi possível perceber através das apresentações o quanto havia sido absorvida a discussão por parte deles e a empolgação quanto à produção de atividades que eram simples, mas que abordavam uma imensidão de significados tão importantes para a formação.

4. Resultados e discussões

A discussão acerca da diversidade vem crescendo atualmente no campo educacional, visto que a necessidade de entender esses conceitos parte primeiramente dos profissionais da educação, aqueles que formam, transmitem valores a seres e que conseqüentemente irão devolvê-los a sociedade. Para isso, os saberes e valores transmitidos devem ser assegurados em um pressuposto teórico, em discussões e debates sólidos

ofertados durante a formação docente. Foi partindo desse pressuposto que desenvolvemos uma oficina pedagógica ofertada a graduandos de licenciaturas em sua maioria do curso de pedagogia. Toda a discussão da oficina se procedeu em torno de como trabalhar a diversidade nas instituições escolares com crianças, como transmitir a noção de equidade, de igualdade e de respeito às diferenças.

A experiência do trabalho englobou tanto o aprimoramento da formação acadêmica quanto a interação das ministrantes da oficina com os participantes, levantando dúvidas e questionamentos acerca da temática, construindo um espaço de discussões e aprimoramento.

Dentro da metodologia proposta podemos considerar que as expectativas foram superadas, uma vez que todos os participantes tiraram dúvidas, relataram as experiências vividas com crianças ou com objetos ao qual foram expostos, mostraram o anseio em compreender um debate ainda pouco explorado na perspectiva da educação infantil. Sendo assim, podemos destacar que mesmo o debate da diversidade estando no auge nas Universidades, ainda precisa ser discutida em outras perspectivas. A visão reducionista do outro, os equívocos ainda encontrados acerca dos conceitos de inclusão, integração e exclusão, nos mostra que ainda há muito a fazer, muito a se propor e vencer para que os professores sejam conhecedores do que perpassa o ambiente educacional do paradigma que estamos vivendo e do que precisamos vencer e atingir para termos uma educação mais igualitária, equânime e de qualidade.

Dessa forma, a visão estereotipada sobre tais conceitos, vêm a ser um dos problemas para o desenvolvimento de qualidade do ensino, quando se fala em diversidade assimilam ao outro, o negro, o índio, ao deficiente, não há, na maioria das vezes, um reconhecimento do “EU” como parte da diversidade.

Outro ponto a se discutir é a compreensão que se tem acerca da inclusão, ou melhor, a confusão que fazem dessa com a integração. Ao ser posta em questionamento esta perspectiva dentro da oficina, a grande parcela dos participantes respondeu que uma educação inclusiva é aquela à qual os alunos com necessidades especiais são inseridos na escola. Podemos analisar a partir daí que a noção de uma educação inclusiva está ligada apenas a inserção de alunos com necessidades especiais em sala, há aí uma redução de conceitos e conseqüentemente da prática, uma vez que contemplamos ou agimos corretamente sobre aquilo que conhecemos. Isso só aumenta a certeza de que essa oficina foi necessária para quebrar esses estigmas e construir novos.

Em um país místico como o Brasil sempre é possível destacar uma diversidade racial, porém, ao tratar de diversidade referimo-nos não apenas às diferenças raciais, mas as diferenças de credo, raça, condição social, financeira, entre outras diferenças que são agregadas ao sentido de diversidade, porém, é notável que a dificuldade da maioria das pessoas é de se reconhecer e/ou se aceitar como diferente. É preciso entender que ser diferente não é um defeito, mas sim algo que nos faz ser quem somos, é o que define as características próprias de cada um, como também a identidade como ser social.

Tendo em vista que cada pessoa possui singularidades as quais cobram das instituições escolares um tratamento diferente (de acordo com cada necessidade em individual), levantamos a problemática do que seria preciso para poder acabar com a exclusão dentro das instituições escolares. Inicialmente foi apontado pelos participantes que a solução seria implementar a igualdade na escola (igualdade de acesso e permanência), apenas uma das participantes apontou que seria a equidade a solução desses problemas. Hoje temos Leis e documentos que mencionam a igualdade como condição básica para o ensino e aprendizagem, sendo que a própria lei mostra equívocos que de certa forma levam a sociedade a lutar contra a desigualdade através da igualdade por desconhecer o sentido de equidade, portanto, a luta deve ser em prol da implementação de práticas educativas que contemplem tanto a equidade (acesso a participação e permanência) quanto a igualdade (acesso à escola), pois os termos não se divergem, mas um complementa o outro.

Em relação às análises a partir de trechos de livros didáticos, canções e brincadeiras utilizadas na Educação Infantil, podemos observar que a maioria dos participantes conheciam as canções, os trechos dos livros e as brincadeiras apresentadas, alguns até mesmo já tinham utilizado na prática docente com crianças, porém nunca tinham parado para analisar o que tais atividades poderiam proporcionar para as crianças. As atividades apresentadas mostravam questões referentes ao preconceito, racismo, machismo, aspectos estes que estavam de forma implícitas nas atividades, mas são passadas despercebidas pelos professores de educação infantil.

Seguindo esta perspectiva, propusemos que os participantes se juntassem em grupos para formularem atividades que eles como futuros profissionais da educação poderiam aderir à sua prática, nisto, eles elaboraram atividades criativas acerca da temática diversidade e inclusão. Essa proposta foi a ferramenta que serviu não apenas para propor aos futuros docentes a aproximação com práticas, com o “como fazer”, “como desenvolver” ou abordar essa temática de forma dinâmica nas instituições de ensino,

porém, mas que isso, foi um momento de partilha entre os grupos, de trocas de experiências para execução da atividade proposta, como também um momento de descontração, onde todos apresentaram os resultados da sua atividade e assistiram as outras apresentações.

A auto avaliação da oficina ocorreu ao término das atividades onde os participantes construíram a árvore da diversidade, na qual cada um colocou uma folha, nos seus escritos podemos observar a reformulação de algumas falas, de conceitos, tal como a quebra de alguns estereótipos que se encontravam no grupo.

Contudo, a preocupação em proporcionar uma educação inclusiva deve partir principalmente dos profissionais em formação, sobretudo na formação inicial. Devemos receber subsídios que nos ajudem a ter uma noção de como será a prática, de forma que não nos deparemos com equívocos em nossas ações futuras e que não colaboremos até despercebidamente para a ampliação dos princípios excludentes e para a formação de seres poucos críticos que não valorizam ou desconhecem o valor da diversidade.

5. Considerações finais

Dentro da Universidade muitas são as oportunidades de proporcionar e ampliar os conhecimentos e percepções acerca de problemas sociais e conseqüentemente educacionais que perpassam as instituições de ensino. Sabemos que o Brasil é um país diverso, e essa diversidade é o fator fundante da sua unanimidade e singularidade, porém, muitos também são os contrapontos que desfavorecem essa diversidade e fazem dela um problema social, entre eles a discriminação, o racismo, a intolerância e os princípios capitalistas e elitistas presentes na sociedade.

Diante desse contraponto precisamos enxergar o professor, e visibilizar neste a necessidade de formação e reeducação, para que sejam construtores e estimuladores de uma escola igualitária, onde a inclusão seja a base para as relações pessoais e para a construção da valorização e expansão dessa diversidade nas instituições de ensino. Foi nessa perspectiva que a oficina foi desenvolvida e executada com bons resultados, proporcionando aos futuros pedagogos uma aproximação teórica e prática com a temática, assim como, a interação, a troca de diálogos e conhecimentos.

A aplicação da oficina tinha o intuito de romper as barreiras do senso comum e depositar em cada graduando o prazer e a necessidade de trabalhar na perspectiva da inclusão, valorizando cada educando com todas as suas especificidades, e

formando seres críticos, isso com o objetivo de amenizar os impactos e as adversidades presentes na sociedade. Toda a proposta foi bem idealizada e executada, e em maneira geral provocou a sensibilidade e doação dos participantes às atividades propostas.

6. Referências

ANTUM, Raquel P. (2013). **A Dialética Inclusão/ Exclusão na Escola do novo milênio**. IN: _____. MANTOAN, Tereza E. Para uma escola do século XX. Campinas, SP: UNICAMP, P. 34-46.

Lunardi-Lazzarin, Márcia Lise. Hermes, Simoni Timm. **Educação Especial, Educação Inclusiva e Pedagogia da Diversidade: celebrar a diversidade! Exaltar a tolerância! Notabilizar o respeito! Proclamar a solidariedade!**. Revista Educação Especial | v. 28 | n. 53 | p. 531-544 | set./dez. 2015 Santa Maria.

MANTOAN, Maria Tereza E. (2003) **Inclusão escolar: o que é?** IN: _____. Inclusão Escolar: o que é? Por que? Como fazer? São Paulo: Moderna, p. 13-26.

McCowan, Tristan. **O direito humano à aprendizagem e a aprendizagem dos direitos humanos**, Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 25-46, jan./mar. 2015. Editora UFPR

ARROYO, MIGUEL G., **POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADES: À PROCURA DE NOVOS SIGNIFICADOS**, Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010.

SCHILLING, Flávia; Miyashiro, Sandra Galdino. **Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade**. USP, São Paulo, 2008, v.34, n.2, p. 243-254.

SILVA, Jr Hélio **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais** / Hélio Silva Jr. – Brasília: UNESCO, 2002. 96 p. Dessa referência usamos o item 4- A discriminação racial no livro didático p 34-41 e pensando uma educação para a igualdade p 74-84